ISSN: 2358-8829

PROJETO LIBRAS NA ESCOLA: A INCLUSÃO DEPENDE DE NÓS, ENTRELACES DE EXPERIÊCIAS

Lorena Sousa dos Santos [1]
Sara Moitinho da Silva[2]

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva apresentar um relato de experiência sobre o ensino da Língua Brasileira de Sinais- Libras para crianças ouvintes, vivenciado nas turmas de segundo e terceiro ano de escolaridade. A experiência ocorreu numa escola pública, localizada no município de Nova Iguaçu/ RJ. O objetivo geral dessa intervenção é promover a conscientização sobre a relevância da Libras no contexto escolar e social, reconhecendo-a como ferramenta fundamental de inclusão e cidadania. Os objetivos específicos são: Conhecer a Libras; apresentar a cultura e a identidade Surda; reconhecer as múltiplas identidades Surdas; aprender sinais básicos para a comunicação; reconhecer a diversidade linguística; estimular o respeito as pessoas Surdas e as diferenças. Nessa perspectiva, a educação inclusiva configura-se como elemento propulsor para a construção de escolas e de uma sociedade mais justa e equitativa.

O conceito de educação inclusiva fundamenta-se na constituição de uma escola que contemple a diversidade educacional de todos os estudantes, assegurando a formação de cidadãos ativos nos diferentes contextos em que atuam, inclusive no espaço escolar.

A Língua Brasileira de Sinais- Libras é reconhecida em todo o território nacional pela Lei nº 10.436/2002 como meio legal de comunicação e expressão no Brasil, constituindo-se como um sistema linguístico de natureza visual-motora utilizado pela comunidade Surda. Tal legislação é fundamental para a garantia dos direitos à comunicação e à educação das pessoas Surdas.

O ensino de Libras aos alunos ouvintes no contexto escolar pode contribuir para a promoção do respeito às diferenças, do desenvolvimento da empatia e do fortalecimento

[1] Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação Bilínguena linha de pesquisa:" Educação de Surdos e suas Interfaces" do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES:lorenasousa@aluno.ines.gov.br
[2] Profª. Doutora do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES,saramoitinho@ines.gov.br;

da inclusão educacional e social. Nesse sentido, a aprendizagem da Libras favorece a construção de um ambiente escolar mais acessível, evidenciando que o processo de inclusão resulta do compromisso coletivo de todos os atores envolvidos na comunidade escolar. A proposta está alinhada com as competências gerais da Educação Básica descritas na Base Nacional Comum Curricular- BNCC, que propõe o desenvolvimento de competências relacionadas à comunicação, diversidade cultural e responsabilidade social.

Destaca-se que a aprendizagem de uma segunda língua (L2) pode colaborar para a formação de sujeitos mais sensíveis à diversidade linguística e cultural, favorecendo o reconhecimento e o respeito às diferenças e potencializando o desenvolvimento de atitudes empáticas. No contexto da Libras, essa aprendizagem assume especial relevância, uma vez que possibilita aos estudantes ouvintes ampliar suas formas de interação e compreender diferentes modos de constituição linguística, cultural e identitária.

Ressalta-se, ainda, que, diante de uma eventual matrícula de estudantes Surdos, os alunos ouvintes que já tiveram contato com a Libras disporão de recursos linguísticos que poderão subsidiar a comunicação e a convivência no cotidiano escolar. Nessa perspectiva, a Libras ultrapassa a condição de conhecimento adicional, constituindo-se como uma língua capaz de aproximar Surdos e ouvintes, fortalecer vínculos e contribuir para um ambiente educacional mais equitativo.

Parte-se, portanto, do pressuposto de que uma inclusão compreendida em sua dimensão holística deve envolver todos os atores que constituem a comunidade escolar. Nessa perspectiva, o direito do estudante Surdo à inclusão não pode se restringir à sua presença física no espaço escolar ou à comunicação exclusivamente mediada pelo professor bilíngue ou pelo Tradutor e Intérprete de Libras–Língua Portuguesa (TILSP), quando houver a atuação desse profissional. É necessário assegurar condições para que o estudante Surdo possa estabelecer interações significativas e espontâneas com seus colegas, participar das diferentes práticas sociais desenvolvidas na escola e constituir vínculos de pertencimento. Assim, a aprendizagem da Libras pelos estudantes ouvintes pode representar uma importante estratégia para ampliar as possibilidades de interação direta e favorecer a construção de um ambiente educacional linguisticamente mais adequado.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

As experiências vivenciadas no campo, especialmente durante a ministração de aulas de Libras para estudantes ouvintes, suscitaram a hipótese de que a aprendizagem dessa língua pode contribuir significativamente para a formação de sujeitos críticos e para a construção de uma sociedade mais sensível à diversidade linguística e cultural. Parte-se do pressuposto de que o contato com a Libras pode favorecer práticas mais inclusivas, contribuir para a redução do preconceito linguístico e colaborar para a desconstrução de mitos historicamente arraigados acerca das línguas de sinais e das pessoas Surdas.

A partir dessa perspectiva, adotou-se a pesquisa-ação como abordagem metodológica, considerando seu caráter interventivo e participativo no contexto investigado. De acordo com Thiollent (1986, p. 19), na pesquisa-ação, "[...] é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação". Nesse sentido, a inserção no campo possibilitou não apenas a observação da realidade investigada, mas também o estabelecimento de diálogos e a construção de atividades práticas voltadas à ampliação dos conhecimentos dos participantes acerca da Libras, de suas especificidades linguísticas e de aspectos relacionados à comunidade e à cultura Surda.

À luz dos pressupostos de Thiollent (1986), compreende-se, ainda, que esse tipo de investigação "[...] amplia o conhecimento científico acerca de questões relacionadas ao lócus da pesquisa" (Thiollent, 1986, p. 14). Desse modo, o estudo caracteriza-se também como uma pesquisa de natureza aplicada, uma vez que busca articular a produção de conhecimentos à intervenção na realidade investigada, possibilitando a elaboração de ações e proposições destinadas ao aprimoramento do contexto analisado. Assim, a pesquisa não se restringe à descrição dos fenômenos observados, mas assume uma perspectiva crítica e transformadora, ao buscar produzir conhecimentos capazes de contribuir para práticas educacionais mais inclusivas e para a valorização da diversidade linguística.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Libras constitui uma língua, dotada de estrutura gramatical própria, utilizada pela comunidade Surda brasileira. Seu reconhecimento legal, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, representou um marco histórico na garantia dos direitos

linguísticos das pessoas Surdas. Posteriormente, o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, regulamentou a referida legislação, estabelecendo diretrizes para a difusão, o ensino e a valorização da Libras, bem como para a formação de profissionais e a garantia da acessibilidade linguística nos âmbitos educacional e da saúde, entre outros espaços sociais. Essas conquistas normativas contribuíram significativamente para o fortalecimento da identidade e da cultura Surda, favorecendo a ampliação da participação e do protagonismo das pessoas Surdas em diferentes esferas da sociedade. Nesse contexto, evidencia-se a necessidade de ampliar o ensino e a difusão da Libras entre a população ouvinte, de modo a superar barreiras comunicacionais, fortalecer as interações entre Surdos e ouvintes e promover uma sociedade efetivamente bilíngue, acessível e inclusiva, pautada no respeito à diversidade linguística e cultural.

Entretanto, apesar dos avanços significativos no reconhecimento e na valorização da Libras, observa-se que sua utilização pela população ouvinte ainda é restrita, o que evidencia a permanência de barreiras linguísticas e comunicacionais nos diferentes espaços sociais, especialmente no contexto escolar. Diante dessa problemática, a ampliação do ensino de Libras para estudantes ouvintes constitui uma iniciativa fundamental, alinhada às reivindicações históricas das comunidades Surdas brasileiras por uma educação bilíngue e pela garantia de ambientes linguisticamente adequados.

Historicamente, muitos estudantes Surdos compartilharam o mesmo espaço físico com estudantes ouvintes, sem que essa proximidade assegurasse interações comunicativas efetivas, evidenciando que a inclusão escolar não se concretiza apenas pela presença física dos sujeitos em um mesmo ambiente. Nesse sentido, torna-se imprescindível a implementação de políticas e práticas pedagógicas que promovam a difusão da Libras entre Surdos e ouvintes, favorecendo a construção de relações dialógicas, o reconhecimento das diferenças linguísticas e culturais e a superação das barreiras que ainda limitam a participação plena dos estudantes Surdos. Assim, o ensino de Libras para ouvintes deve ser compreendido não apenas como uma estratégia de acessibilidade comunicacional, mas também como uma ação educativa, social e política comprometida com a valorização da diversidade linguística, o respeito à cultura Surda e a construção de uma escola efetivamente inclusiva.

O presente trabalho ancora-se em pressupostos teóricos fundamentados na concepção socioantropológica da surdez, que reconhece as pessoas Surdas como sujeitos constituídos por múltiplas experiências socioculturais, cujas identidades se desenvolvem

nas relações estabelecidas com diferentes grupos sociais. Nessa perspectiv*a, embora compartilhem práticas, hábitos e costumes com a comunidade ouvinte, os sujeitos Surdos apresentam singularidades linguísticas, identitárias e culturais que se manifestam, sobretudo, por meio da Libras e das experiências visuais que permeiam sua constituição sociocultural, em consonância com as reflexões de Skliar (2013). Sob esse enfoque, compreende-se que a dimensão cultural da surdez deve constituir um princípio norteador das práticas pedagógicas voltadas ao ensino da Libras, ultrapassando uma abordagem restrita à aprendizagem de sinais isolados e privilegiando a compreensão da língua em sua indissociável relação com a cultura e a identidade Surda. Dessa forma, busca-se proporcionar aos estudantes ouvintes o acesso a perspectivas linguísticas e culturais frequentemente invisibilizadas no contexto educacional, favorecendo a desconstrução de concepções historicamente fundamentadas em paradigmas clínico-terapêuticos da surdez.

Tal abordagem contribui para a construção de práticas educativas críticas e interculturais, pautadas no reconhecimento da diferença linguística, na valorização das experiências da comunidade Surda e na promoção de relações sociais mais equitativas e inclusivas.

Skliar (2013) compreende a cultura Surda a partir dos processos históricos, sociais e culturais que constituem uma comunidade formada por sujeitos que compartilham valores, práticas e modos próprios de perceber e significar o mundo. Nessa perspectiva, a surdez não é concebida exclusivamente como uma condição biológica, mas como uma diferença linguística e cultural que influencia a constituição identitária e as relações sociais. O autor destaca a “experiência visual” (Skliar, 2013, p. 28) como elemento central da cultura Surda, por meio da qual os sujeitos constroem conhecimentos, estabelecem interações e desenvolvem práticas culturais singulares. Tal compreensão evidencia a importância de reconhecer e valorizar essas especificidades na organização das práticas pedagógicas e na promoção de uma educação comprometida com a diversidade linguística e cultural.

Em consonância com essa perspectiva, Strobel (2008, p. 37) aprofunda a discussão ao ampliar a compreensão do conceito de “artefatos culturais”, reconhecendo as diferentes produções e manifestações que expressam as singularidades da comunidade Surda. Segundo a autora, esses artefatos não se restringem aos elementos materiais, mas abrangem também tecnologias, tradições, valores, normas e práticas sociais que constituem formas próprias de interação e significação do mundo. Desse modo,

representam o "modo de ser, ver, entender e transformar o mundo" (Strobel, 2008, p. 37), desempenhando um papel fundamental na constituição e no fortalecimento das identidades Surdas. Nesse contexto, a experiência visual assume centralidade, uma vez que orienta os processos de construção de conhecimentos, as relações socioculturais e as diferentes formas de expressão desses sujeitos.

Diante dessa compreensão, o ensino de Libras para estudantes ouvintes deve transcender a dimensão linguística, incorporando práticas pedagógicas que promovam o intercâmbio cultural e a aproximação entre as comunidades Surda e ouvinte. Nessa perspectiva, Orr e Almeida (2012, p. 4) ressaltam que a aprendizagem de uma língua pressupõe o conhecimento dos modos de vida e das manifestações culturais de seus usuários. As autoras defendem que esse processo envolve a ressignificação de valores e a reconstrução identitária dos aprendizes, em consonância com Rajagopalan (2003, p. 69 apud Orr; Almeida, 2012, p. 3), ao afirmar que "...quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Desta maneira, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa". Sob esse enfoque, a aprendizagem da Libras constitui uma oportunidade de ampliar os conhecimentos dos estudantes ouvintes acerca das especificidades da comunidade Surda, favorecendo o reconhecimento da alteridade e a construção de relações pautadas no respeito à diversidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As aulas de Libras iniciaram, em 2026, como projeto piloto em uma escola pública localizada no município de Nova Iguaçu/RJ. Participam da iniciativa três turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sendo uma turma do 2º ano de escolaridade e duas turmas do 3º ano. Os estudantes participantes têm idades entre 7 e 10 anos.

As práticas pedagógicas propostas têm sido desenvolvidas sob uma perspectiva lúdica, fundamentada na valorização dos artefatos culturais produzidos pela comunidade Surda. Nesse contexto, durante o ensino do alfabeto manual da Libras, os estudantes tiveram a oportunidade de explorar e manusear um jogo da memória confeccionado pela Surdoart[3], adquirido na Feira de Empreendedores Surdes Brasil[4]. A utilização desse

[3] É uma empresa fundada por Evandro Lopes da Silva e Lucy Cruz Silveira, ambos Surdos, que se dedica à produção de jogos pedagógicos, objetos em madeira, peças de marcenaria e produtos artesanais, tendo como propósito a valorização e a difusão da cultura Surda.

[4] Em 2022, Lucy Cruz Silveira assumiu a coordenação dos Empreendedores Surdes Brasil, atuando na divulgação de editais para a participação de empreendedores Surdos em feiras, bem como na organização

recurso didático-pedagógico buscou favorecer a construção de aprendizagens significativas, articulando a dimensão lúdica à valorização das produções culturais e dos saberes constituídos pela comunidade Surda. Dessa forma, a prática contribui para o reconhecimento da epistemologia Surda e para a promoção de uma educação que valoriza a diversidade.

Outra prática pedagógica de significativa relevância foi a contação da história O novo caminho de Maura e Paulo[5], obra literária que possibilita aos leitores uma aproximação com o universo sociocultural das pessoas Surdas, favorecendo a compreensão de suas singularidades linguísticas, culturais e identitárias. A partir dessa experiência literária, os estudantes foram incentivados a expressar suas percepções e reflexões por meio da produção de desenhos e frases, que posteriormente compuseram um cartaz coletivo, apresentado na Feira do Conhecimento, realizada no mês de setembro.

Em alusão ao Dia Nacional dos Surdos, celebrado em 26 de setembro, foi desenvolvida uma atividade pedagógica voltada ao reconhecimento e à valorização dos elementos simbólicos que constituem a identidade da comunidade Surda. A proposta contemplou a apresentação da bandeira Surda, possibilitando aos estudantes conhecer seus elementos constitutivos e compreender os significados associados à sua representatividade histórica, cultural e identitária. Posteriormente, os alunos foram incentivados a produzir representações gráficas da bandeira, articulando os conhecimentos construídos durante a atividade às suas próprias interpretações. Essa experiência pedagógica favoreceu a ampliação do repertório sociocultural dos estudantes ouvintes e aguçou a curiosidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a educação constitui um eixo central para a promoção da inclusão social e deve, por excelência, assumir um papel ativo no enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e capacitismo. Nesse sentido, as ações de difusão da Libras

e divulgação de eventos pelo Instagram. Além disso, mantém contato com empreendedores Surdos de todo o país, contribuindo para o fortalecimento do empreendedorismo e do protagonismo Surdo.

[5] O livro é de autoria de duas pesquisadoras Surdas bilíngues: Dra. Luciane Cruz Silveira, professora adjunta de Libras do Departamento de Ensino Superior (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), onde também exerce as funções de diretora substituta e chefe de gabinete da Direção-Geral; e Dra. Luciane Rangel Rodrigues, docente de Libras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

e de valorização da comunidade Surda desenvolvidas com os alunos ouvintes têm produzido impactos positivos, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e sensíveis à diversidade linguística e cultural.

Os conhecimentos construídos acerca da comunidade Surda, de sua língua, identidade e cultura têm favorecido mudanças perceptíveis no vocabulário, nas atitudes e nas formas de interação dos estudantes. Tais transformações evidenciam as potencialidades das práticas educativas voltadas à desconstrução de concepções estereotipadas e à construção de relações pautadas no respeito às diferenças e na valorização da diversidade.

Os resultados salientaram que a utilização de atividades lúdicas constituiu uma estratégia relevante para favorecer aprendizagens mais significativas e ampliar o envolvimento dos alunos nas ações propostas. A participação ativa em diálogos, jogos, contação de histórias e demais práticas desenvolvidas possibilitou maior interação com os conteúdos trabalhados, estimulando a curiosidade, a expressão de ideias e a construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, as intervenções realizadas no campo demonstraram que metodologias participativas e contextualizadas podem potencializar o processo de ensino e aprendizagem, especialmente quando articuladas a experiências que valorizam o protagonismo dos estudantes.

Palavras-chave: Libras, Segunda língua, Inclusão, Equidade.

AGRADECIMENTOS

À Comunidade Surda, por ser fonte constante de inspiração, aprendizado e resistência, e por nos acolher ao longo de nossa trajetória enquanto profissionais da Educação Bilíngue de Surdos. É com profundo respeito e admiração que reconhecemos a potência de sua língua, de sua cultura, de sua identidade e de suas lutas históricas. Que seus direitos linguísticos sejam cada vez mais respeitados, fortalecidos e assegurados, e que seu protagonismo permaneça no centro das decisões e das práticas educacionais que dizem respeito à sua própria história e existência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm . Acesso em: 10 de janeiro de 2026.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao . Acesso 15 de fev. 2026.

FELIPE, Tanya Amara. **LIBRAS em contexto: Curso Básico. Manual do professor/instrutor.** Brasília: MEC/SEESP, 2001.

MEC. Secretaria de Educação Especial (SEESP). Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais** – Libras. Disponível em: http://www.mec.gov.br/seesp/legislacao.shtm. Acesso em: 10 jan. 2026.

ORR, L. S.; ALMEIDA, R. L. O ensino da Língua Inglesa numa perspectiva intercultural. **BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n. 3, p. 1-19, jun./dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/download/962/680+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 05 de janeiro de 2026.

LEBEDEFF, Tatiana Boliviar; SANTOS, Ângela Nediane dos**. Objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: vídeos de curta-metragem e o ensino de Libras.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 14, p. 1073-1094, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n4/aop5814.pdf . Acesso em: 18 jan. 2026.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org. e Trad.). Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004, p. 73-102.

SILVEIRA, Luciane Cruz. Rodrigues, Luciane Rangel, **O Novo Caminho de Maura e Paulo.** Rio de Janeiro: autografia, 2026.

SKLIAR, C. **Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade.** In: _____ A surdez. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 7-32.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1986.